



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

SALA DE AULA: REPRODUÇÃO DAS DIFERENÇAS E DESIGUALDADES SEXUAIS PRESENTES NA SOCIEDADE?

Fabiana Matias Pinheiro
(UESB)
Greissy Leoncio Reis
(UESB)

RESUMO

Esta comunicação resulta de um trabalho monográfico que partiu de inquietações acerca das desigualdades de gênero no contexto escolar. Teve como questões norteadoras: Como o(a) professor(a) se relaciona com as questões de gênero nas séries iniciais? Como as crianças se comportam diante das diferenças sexuais na escola? Foi realizada uma pesquisa em 04 Escolas de Educação Infantil e em uma escola do Normal Médio na cidade de Vitória da Conquista. Nas instituições de Educação Infantil, foi realizada uma pesquisa com alunos(as) e professores. Num segundo momento, realizamos um estudo na Escola do Normal Médio com as formandas e os formandos do referido curso, a fim de verificar como as/os jovens percebiam as relações de gênero. A pesquisa se constituiu de observações, aplicação de questionários e uma redação, sendo que, o primeiro questionário foi aplicado aos professores e professoras das escolas infantis, três da rede municipal de ensino e uma da rede particular; já o segundo questionário, juntamente com a redação, foi aplicado a uma turma do 4º ano do Normal Médio no Colégio Estadual Euclides Dantas. A coleta de dados foi realizada no intuito de verificar como as questões de gênero se configuram no ambiente escolar, mais especificamente, na sala de aula da Educação Infantil. Neste estudo, observamos que, embora as questões relacionadas a gênero estejam cotidianamente presentes nas escolas, não é dada a devida importância à maneira como tais questões são abordadas/vivenciadas. Há uma sutileza na maneira de lidar com as diferenciações dos padrões impostos como corretos para homens e para mulheres, de tal forma que são encarados como naturais e imutáveis.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

INTRODUÇÃO

Esta comunicação resulta de um trabalho monográfico que partiu de inquietações e questionamentos acerca da posição da mulher nos vários contextos sociais. Ao longo da história, é possível perceber a luta das mulheres contra diversas formas de discriminação e opressão. A mulher avançou em muitos aspectos, como a conquista da cultura letrada, independência financeira, liderança em sindicatos, chefia em importantes cargos da sociedade, ocupados, predominantemente, por homens etc. No entanto, percebemos que ainda no século XXI há uma forte discriminação em relação à mulher nas diferentes esferas sociais. Basta mencionar, por exemplo, a violência doméstica e sexual que, embora não seja foco deste trabalho, é um exemplo de que não conquistamos uma sociedade de respeito e igualdade de gênero.

Pensando nas relações de gênero, focalizamos estas questões no contexto educacional.

Assim, este trabalho discutiu sobre as distinções de gênero na sala de aula, uma vez que o contexto educacional proporciona a vivência concreta das mesmas, pois a escola é um local de formação de indivíduos e onde valores e comportamentos são vivenciados e transmitidos com mais intensidade, assim, a escola assume um papel muito importante na socialização dos indivíduos.

Portanto, para compreendermos melhor a questão gênero é preciso pensar, não apenas no processo continuado e dinâmico em que se formam homens e mulheres, mas também, que gênero é uma categoria imersa nas instituições sociais, como na área jurídica, escolar, religiosa, etc., as quais são todas marcadas pelas distinções de gênero. Dessa forma, está presente, sem dúvida, a idéia de formação, socialização e educação dos sujeitos.

Segundo Joan Scott (1995), gênero seria um campo no qual foi e é vivida a História, e, para os/as historiadores/as, um elemento que pode provocar não só

novas questões, mas novas respostas para velhas questões, além de colocar como ativos e visíveis sujeitos que têm estado escondidos de análises mais tradicionais.

Sendo assim, a relação entre gênero e a História constitui-se uma categoria de análise que se impõe na revisão da História oficial e da História da humanidade. Habitado e construído por homens e mulheres, o mundo não pertence a um único sexo, logo se pode também dizer que sua história não é unilateral.

A partir do momento em que surgem pesquisadores preocupados com as questões de gênero, ou seja, com o significado de ser homem e ser mulher, torna-se preciso que a escola se revolucione a fim de atender às novas exigências de levar em conta, para além das diferenças biológicas (o sexo), a questão dos processos por meio dos quais a criança pensa a si própria como menino ou menina.

Assim, percebemos que a escola, em toda a sua estrutura, tanto física quanto subjetiva, está organizada tão perfeitamente que denota o seu objetivo, formação dos sujeitos, mesmo que, para muitos, estes objetivos não sejam tão claros, pois se apresentam de forma camuflada e sutil, quase imperceptíveis.

Segundo Louro (1997,p. 61):

[...] encontramos manuais que já ensinavam aos mestres os cuidados que deveriam ter com os corpos e almas de seus alunos. O modo de sentar e andar, as formas de colocar cadernos e canetas, pés e mãos acabariam por produzir um corpo escolarizado, distinguindo o menino ou a menina que passara pelos “bancos escolares”.

Nesse sentido, a escola, como um espaço social que foi se tornando, historicamente, nas sociedades urbanas ocidentais, um *lócus* privilegiado para a formação de meninos e meninas, homens e mulheres, é, ela própria, um espaço generificado, isto é, um espaço atravessado pelas representações de gênero. Pois, gestos, movimentos e sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornando-se parte de seus corpos. “... Ali se aprende a



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar, se aprende a preferir...”. (LOURO, 1997, p. 61).

Desta forma, muitas vezes uma concepção ou um comportamento é internalizado no sujeito como tão natural, que não se faz questionamentos, pois são enraizadas e passadas de geração para geração. Tais idéias, de tão naturais, não nos permitem notar que, no interior das atuais escolas encontramos meninas e meninos, mecanicamente agrupados em diferentes espaços, sendo estas atitudes encaradas como normais, tão normais, que meninas para serem meninas, sentam-se de pernas cruzadas, riem baixinho e têm que ser sempre muito educada; e, para ser menino, transformar-se num “homem que é homem” não se deve chorar nem brincar de correr ou de lutar.

MATERIAL E MÉTODOS

Diante do exposto, o presente trabalho pretende estudar as questões de gênero na sala de aula, uma vez que o contexto educacional proporciona a vivência concreta de questões que envolvem as distinções de gênero. Como a escola é um local de formação de indivíduos, onde valores e comportamentos são vivenciados e transmitidos com mais intensidade, acreditamos que esta assume um papel muito importante na socialização dos sujeitos.

Pensando nisto, procuramos fazer este estudo na educação Infantil, tendo em vista, que neste período se inicia a transmissão dos valores socialmente aceitos. Por este motivo, a intenção deste estudo, foi verificar se a sala de aula é um espaço de reprodução das diferenças e desigualdades sexuais presentes na sociedade.

Além de o trabalho estar centrado na Educação Infantil, estendemos o estudo aos formandos do curso Normal Médio do Instituto de Educação Euclides Dantas – IEED, já que estes formandos, em sua maioria, estavam inseridos no contexto de sala de aula, por isso vivenciavam junto a seus alunos(as) questões relacionadas ao

gênero. Vale ressaltar que o fato de estarmos estagiando na referida instituição, influenciou a nossa decisão em ampliar a pesquisa a este grupo de formandos.

Este trabalho tem como questões norteadoras: Como o(a) professor(a) se relaciona com as questões de gênero nas séries iniciais? Como as crianças comportam-se diante das diferenças sexuais na escola?

Para a execução dessa pesquisa, partimos dos seguintes objetivos:

- Refletir sobre a configuração das relações de gênero nas salas de aula de crianças, a partir de 5 anos de idade, na cidade de Vitória da Conquista - Ba;
- Observar práticas pedagógicas que se relacionam com as questões de gênero nas salas de aula de crianças, a partir de 5 anos de idade, na cidade de Vitória da Conquista - Ba;
- Observar e analisar os comportamentos, diante das diferenças sexuais das crianças, a partir de 5 anos de idade, na cidade de Vitória da Conquista - Ba;
- Observar e refletir sobre o comportamento dos professores diante das situações que envolvam questões referentes às relações de gênero nas escolas infantis, da cidade de Vitória da Conquista - Ba;
- Observar e refletir sobre a postura dos alunos do normal médio em relação às questões de Gênero na sociedade e no ambiente escolar, no Instituto de Educação *Euclides Dantas* na cidade de Vitória da Conquista - Ba.

Para atingir nossos objetivos, buscamos embasamento teórico acerca da temática relações de gênero e educação por meio de bibliografias de estudiosos do tema, como Catani, Louro, Scoot, Whitaker etc, no intuito de esclarecer e aprofundar as discussões sobre gênero e sua relação com o meio educacional. Estabelecemos, também, contatos diretos com o objeto de estudo, ou seja, a sala de aula e seus sujeitos (alunos e professoras) fazendo observações e entrevistas a fim de responder nossas questões e atingir nossos objetivos.

Constatamos com este estudo que as questões de gênero continuam sendo tratadas pelo corpo escolar de maneira reprodutivista, de um modelo de sociedade

patriarcal, uma vez que as diferenças de gênero continuam sendo legitimadas por meninos e meninas no ambiente escolar.

Não que sejamos contra as diferenças entre os sexos, ao contrário, elas existem e são necessárias, o que tentamos salientar neste trabalho é que as diferenças biológicas justificam as desigualdades entre homens e mulheres reproduzidas pela/na sociedade. É importante notar que mesmo presentes, as discriminações ou assuntos mais polêmicos não são apresentados de forma aberta.

Assim, dividimos o nosso trabalho em pesquisa teórica e pesquisa de campo, sendo esta última composta de observações, entrevistas e aplicação de questionários.

A pesquisa de campo foi composta de um primeiro questionário com 19 questões abertas aplicado às professoras do ensino fundamental, 1ª a 4ª série, das escolas das redes municipal e particular da cidade de Vitória da Conquista - Ba.

Com os alunos do ensino fundamental, a coleta de dados se restringiu às observações e conversas informais.

Já o segundo, com 14 questões e uma redação, foram aplicados aos alunos do 4º ano do Normal Médio, no Instituto de Educação Euclides Dantas, na cidade de Vitória da Conquista.

A pesquisa de campo teve a duração de 20 dias, além das constantes revisões bibliográficas.

Durante as observações nas escolas de ensino fundamental, que ocorreram em duas semanas, totalizando em 15 horas semanais, observamos nas docentes, certo temor/insegurança diante de nossa presença, percebemos, também, que esta insegurança se dava pela dúvida de estarem sendo avaliadas em suas práticas educativas, mesmo não sendo mencionados quais os reais objetivos de nossa pesquisa.

Talvez, por conta disso, nos primeiros dias de observação sentimos que alunos e professores estavam agindo de maneira artificial, de tal forma que

chegamos a pensar que não poderíamos obter dados suficientes sobre as questões de gênero, porém, com o passar do tempo, as crianças foram se acostumando com nossa presença e, entre uma interação e outra, abstraímos falas e comportamentos importantes ligados ao nosso objeto de pesquisa.

Ainda nos primeiros contatos com as professoras, observamos que aquelas da rede municipal não davam muita importância às questões de gênero, chegando a serem apáticas a estas, como, por exemplo, ignoravam que existiam diferenciações entre os gêneros e que meninos e meninas são taxados apenas como “crianças”.

Já na rede particular de ensino, apesar de não termos mencionado que estávamos ali para fazer a pesquisa sobre gênero, as professoras demonstravam estar mais atentas a estas questões de gênero, mesmo tentando camuflar algumas interferências nos comportamentos de meninas/meninos em sala de aula.

Quanto aos questionários, sentimos certa resistência das professoras em respondê-los, além de constatarmos, por meio das observações, algumas contradições com a prática na sala de aula, verificamos, também, algumas incoerências afirmadas ou negadas em respostas anteriores.

Houve, neste aspecto, uma professora que chegou a não responder o questionário.

No segundo questionário, aplicado na Escola *Euclides Dantas* com os alunos do 4º ano Normal Médio, cujo objetivo era obter o perfil do futuro profissional do Magistério, detectamos que existe uma grande procura por essa profissão pois, ainda que seja taxado como profissão para mulheres, com baixa remuneração, é uma área profissional na qual sempre há oferta de trabalho.

De acordo com a opinião de alguns discentes do curso normal médio, as pessoas que procuram este curso como profissão sofrem certas discriminações, pois a sociedade ainda faz críticas a esta escolha. Detectamos, em alguns relatos, falas contra a profissão do Magistério, como as que afirmavam ser esta uma

profissão de mulher ou uma insensatez essa escolha profissional. Um exemplo bem claro disto foi uma aluna que relatou que, ao escolher esta profissão, os amigos a taxaram de louca, e um outro exemplo foi de um discente que colocou, em seu questionário, que muitas pessoas ainda acham que esta profissão é uma profissão de mulher.

Usamos a redação, como um procedimento metodológico que foi aplicado aos alunos do Normal Médio, em que foi possível perceber um caráter de divindade atribuído ao ser feminino.

As qualidades que foram atribuídas à mulher estavam ligadas à delicadeza, fragilidade, paciência, compreensão, enfim, atributos de uma verdadeira deusa da perfeição, além é claro, do sublime dom da maternidade.

Trabalhar as relações sociais é mostrar que as pessoas são diferentes, que as culturas são diferentes, que a realidade do campo e da cidade é diferente, mesmo sabendo que muitos alunos ou alunas chegarão à escola com idéias preestabelecidas, do tipo, “o pai deve ser forte e a mãe meiga e delicada”.

CONCLUSÕES

Pudemos perceber, através deste estudo, que a escola diferencia a socialização de meninos e meninas, embora seja de forma camuflada, no rótulo de serem apenas crianças. É necessário, porém, que a escola assuma estas questões abertamente e, discuta sim, mas como formas de compreender a forma pela qual as questões de gênero se configuram na sociedade atual, porém, que também aceite



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

os comportamentos de meninos e meninas sem induzir tais comportamentos, como forma de assumir uma postura menos tendenciosa e discriminatória.

É muito comum, professores ou dirigentes, quando indagados, fazerem afirmações do tipo “em nossa escola não precisamos nos preocupar com isso, nós não temos nenhuma preocupação nesta área”, ou então, “acho que a família deva se preocupar com isso”, não podemos descartar a escola deste círculo, ela não só apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero que marcam presença na sociedade, como também as produz.

Verificamos também, que a escola é uma instituição de sujeitos masculinos e femininos que seguem padrões da sociedade em que se insere. Mesmo assim, não podemos apenas afirmar que a escola apenas reproduz padrões sociais, ela também os produz, faz cotidianamente com ou sem a nossa participação e de outras instâncias da sociedade.

Para não alimentarmos uma postura ingênua, cabe a nós, afinarmos o olhar, instigar, inquietar ou provocar inquietações, para poder intervir nas construções sociais de desigualdades ou relações de poder, pois acreditamos que a instituição escolar é intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e política.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e Educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: UNESP, 1998.
- CATANI, Denice Bárbara (org.) *Docência, memória e gênero: estudos sobre formação*. São Paulo: Escritura Editora, 1997.
- DEMARTINI, Z. F. e Antunes, F. F. *Magistério primário, profissão feminina, carreira masculina*. Cadernos de Pesquisa, 1993.
- KOFES, Suely. *Categorias Analítica e Empírica: Gênero e Mulher: disjunções, conjunções e mediações*. Belo Horizonte. Reunião da Associação Brasileira de Antropologia - ABA. 1992.
- LOURO, G. L. 1995. "Mulheres na sala de aula". Del Pryore (org.) *História das Mulheres*. Rio de Janeiro, Contexto.
- _____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis. Editora Vozes, 1997.
- LUDKE, Menga e André, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagem qualitativa*. São Paulo, E. P. V., 1986.
- PISCITELLI, Adriana. *Re-criando a (categoria) mulher Campinas - SP. Núcleo de Estudos de Gênero - PAGU*. 2002.
- SAFFIOTE, H. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis, Vozes, 1979.
- SÁNCHEZ, Vasques Adolfo. *Ética*. Tradução de João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- SAYÃO, Deborah Thomé. *Pequenos homens, pequenas mulheres - Meninos, meninas - Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância*. Campinas - SP. Pró-Posições Revista quadrimestrel da Faculdade de Educação / UNICAMP. 2003.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. *Educação e Realidade*, V.20(2), 1995.
- WHITAKER, D. C. A. 2001. "Mulher e Educação". D'Incao, M. A. (org.). *O Brasil não é mais aquele...mudanças sociais após a redemocratização*. São Paulo. Cortez. 1995.
- _____. *Menino - Menina: Sexo ou Gênero? Alguns Aspectos cruciais*. In: SERBINO, R.V; LIMA GRANDE, M. A. R. (orgs.) **A escola e seus alunos: o problema da diversidade cultural**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista - UNESP, 1995, p. 31-52.